



Lentes cruzadas na pesquisa em Jornalismo: a proposta de Barbie Zelizer: ¹

Cristina Ponte²

Universidade Nova de Lisboa

Portugal

Resumo

A partir da obra recente da investigadora norte-americana Barbie Zelizer, *Taking Journalism Seriously* (2004), que considera o jornalismo como uma instituição demasiado complexa para poder ser estudada sob uma única lente disciplinar, esta comunicação percorre lentes das ciências sociais e das ciências humanas e os seus contributos cruzados para um conhecimento mais holístico e triangulado sobre o jornalismo como fenómeno social.

Palavras-chave

Pesquisa em Jornalismo; Sociologia; História; Ciência Política; Estudos da Linguagem; Estudos Culturais;

Introdução

O livro da investigadora norte-americana Barbie Zelizer, *Taking Journalism Seriously, News and the Academy*, publicado em 2004, uma extensa revisão bibliográfica do estudo do jornalismo, contém no seu próprio título um desafio provocador, à própria academia, que não raramente ignora o jornalismo nos seus objectos de atenção, como também a quem, do lado da prática, olha com desdém e indiferença as pesquisas académicas. Por considerar que este livro vem contrariar essas posturas fechadas e que a pesquisa em jornalismo carece de perspectivas integradas e multidisciplinares, gostaria de apresentar e comentar a proposta contida nesta obra, neste Congresso que tem como título geral *Ensino e Pesquisa da Comunicação*.

¹ Trabalho apresentado ao NP 0 Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom;

² Professora no Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutoramento em Jornalismo (2002). Autora de *Leituras das Notícias*, (Livros Horizonte, 2004) e de outros livros e artigos sobre cobertura jornalística de problemáticas sociais. Membro da direcção da revista *Media & Jornalismo*, do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ). Endereço electrónico: cristina.ponte@sapo.pt



Barbie Zelizer, antiga jornalista de agência e hoje professora titular da cátedra Raymond Williams na Universidade de Pensylvania (cátedra essa que assinala já a ênfase da sua perspectiva cultural, ao evocar a figura de um dos pais fundadores dos Cultural Studies britânicos) apresenta neste livro cinco contributos disciplinares para o estudo do jornalismo, deixando de fora outros certamente necessários, como a Economia, a Filosofia, o Direito. São as lentes da Sociologia, da História, da Ciência Política, dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Culturais as exploradas neste livro, sem que isso exclua a congregação de outros contributos das ciências sociais e humanas.

Considera a autora que, seja qual for a conceptualização central de uma dada pesquisa, esta se deve abrir a outras conceptualizações. É a necessidade dessa múltipla triangulação que constitui a muito interessante e sustentada visão que nos propõe nesta obra.

Como refere na introdução, durante muito tempo, o estudo do jornalismo centrou-se numa parte de si mesmo, nas chamadas *hard news* e na “imprensa de referência”. Dava-se por adquirido o carácter metonímico dessa pesquisa, válido para todo o jornalismo, como criticava Peter Dalhgren (1992), apontando já então para uma agenda mais lata. É para essa agenda mais vasta, sem esquecer as relações particulares do jornalismo com a esfera política, que Zelizer sustenta ser necessário convocar muitos mais olhares do que os do inquérito sociológico, que marcaram tradicionalmente esta pesquisa, nomeadamente nos Estados Unidos, e que se tornaram referência na “comunidade interpretativa” internacional dos investigadores em jornalismo.

Barbie Zelizer tem vindo a trabalhar o conceito de “comunidade interpretativa”, na caracterização profissional dos jornalistas, que decorre do seu interesse de pesquisa sobre o que constitui a cultura dos jornalistas, os modos como se pensam enquanto profissionais (ver por exemplo, Zelizer, 1994). Neste livro de 2004, confronta essa “comunidade interpretativa” dos jornalistas com a “comunidade interpretativa” dos académicos que estudam o jornalismo, dando conta do seu choque de interpretações e da frequente dificuldade de comunicação. A pesquisa académica, muito moldada pelas ciências sociais, tem suscitado reservas por parte de jornalistas e de professores de jornalismo, que consideram os seus contributos teóricos problemáticos para a formação contínua de profissionais. Essa diversidade de interpretações manifesta-se em termos e conceitos aparentemente comuns (como notícia, media, comunicação, informação), com os jornalistas e os académicos a falar do jornalismo a partir de diferentes atributos. Às



metáforas que os jornalistas utilizam para expressar a sua actividade (*sexto sentido* ou *faro jornalístico*, espaço informativo como *contentor* limitado, *alimentação* contínua das fontes, *espelho* e *serviço* à sociedade), contrapõem os investigadores a atenção a conceitos como *profissão*, *instituição*, *texto*, *prática*.

A obra de Zelizer aplica a proposta de James Carey, figura de referência dos Estudos Culturais norte-americanos, de se observar o jornalismo como um *curriculum* cujos conteúdos cobrem diferentes tipos de tratamento noticioso, ou como um *corpus*, cujo significado se prolonga por diferentes tratamentos de um dado evento numa organização noticiosa. Procura sair da esfera da pesquisa norte-americana, dominante em termos quantitativos, e dar conta de pesquisas noutros pontos do globo, alargando a atenção aos efeitos da globalização da informação e das suas condições tecnológicas e económicas, que já tinha feito notar nas obras que editou, com Stuart Allan, *Journalism After September 11* (2002) e *Journalism at War* (2004).

Vejamos de forma muito sumária alguns dos pontos que Barbie Zelizer destaca em cada uma destas lentes.

1. A lente da Sociologia

Embora a pesquisa sociológica sobre o jornalismo tenha marcas desde o início do século XX, nomeadamente no programa que Max Weber apresentou ao Congresso dos Sociólogos Alemães, em 1910, e nas características de investigação sociológica de cariz humanista realizada pela Escola de Chicago, nas primeiras décadas do século XX, Zelizer situa os primeiros inquéritos sociológicos no contexto da *Mass Communication Research*, dominante nos estudos norte-americanos a partir dos anos 1940, cujo modelo extravasou fronteiras e se tornou dominante nas décadas seguintes.

Os primeiros inquéritos sociológicos ao jornalismo, de cariz funcionalista, incidiram sobre processos de controlo da informação, na componente ocupacional, nas perspectivas normativas e nas pesquisas de efeitos. Trabalhos como os de White (1949), e Breed (1955) são referências clássicas, na definição de processos de selecção de acontecimentos em notícia e das culturas de socialização profissional. Esta preocupação sustenta também os primeiros estudos comparados internacionais, nomeadamente em torno da verificação de uma ética jornalística comum, independente da nacionalidade (Christians e Traber, 1997).

Esta primeira fase do inquérito sociológico traçada por Zelizer aponta ainda as perspectivas de preocupação normativa quanto às formas de trabalho dos jornalistas,

nomeadamente explorando as relações entre jornalistas e fontes de informação. A atenção aos contrastes entre os códigos de conduta e as práticas de cobertura de guerras, crimes, questões e grupos sociais vai fazer destacar a existência de objectivos estratégicos que não se relacionavam directamente com os códigos de objectividade e imparcialidade, e vai sustentar toda uma linha de pesquisa crítica *das notícias*, de que a obra *The Manufacture of News*, de Cohen e Young (1973), é pioneira.

Outra linha que decorre deste primeiro enquadramento sociológico da Mass Communication Research é a pesquisa de efeitos, inicialmente mais focados nos efeitos dos media do que nos efeitos das notícias em sentido estrito. A partir dos anos 70 consolida-se o estudo dos efeitos do jornalismo no estabelecimento da agenda pública, com as teorias do agendamento, de McCombs e Shaw (1972), em criar espirais de silêncio (Noelle-Neuman, 1981), em cultivar certas noções da realidade em detrimento de outras (Gerbner e Gross, 1976), ou decidir tempos especiais para comunhão e celebração (Dayan e Katz, 1983), que Schudson (2003) irá distinguir entre “efeitos de informação”, efeitos aura e efeitos de enquadramento.

O período intermédio do inquérito sociológico é assinalado por Zelizer a partir dos finais dos anos 60, com os trabalhos etnográficos de Tuchman (1978), Gans (1979), Schlesinger (1978), entre outros. Esses estudos orientam a sua atenção para os processos de decisão do que é notícia, as rotinas de classificação e de cobertura dos acontecimentos, a sustentação da objectividade, os procedimentos ideológicos não expressos pelos jornalistas e que, ainda hoje, continuam a ser estudos incontornáveis na sociologia do jornalismo.

Contudo, terá sentido a observação expressa por Cottle (2000) de que estes estudos de redacção não são indiferentes nem à passagem do tempo nem às grandes pareências na sua estrutura comum, a atenção às grandes redacções de jornais e canais de televisão norte-americanos e britânicos dos anos 60 e 70, maioritariamente brancas e masculinas. Hoje não só as redacções são menos homogéneas, em termos de composição social, como também muito do trabalho jornalístico é feito fora delas, devido nomeadamente às possibilidades introduzidas pelas novas tecnologias.

Nos inquéritos mais recentes da perspectiva da Sociologia, nota Zelizer que esta se tornou mais macrosociológica, articulando o jornalismo com as instituições da política e da economia, em estudos sobre a propriedade dos media, a publicidade, a concentração empresarial e o comercialismo da informação. Na América Latina, trabalhos como os de



Armand Mattelart, Martin-Barbero e Sílvio Waisbord são exemplo na atenção ao fluxo noticioso e aos imperativos políticos que marcam o jornalismo neste continente.

Outra perspectiva recente da lente da Sociologia é a substituição do conceito de ideologia por hegemonia, termo que pode ajudar a clarificar a ambiguidade dos parâmetros institucionais do jornalismo. Os trabalhos de Stuart Hall (1973, 1978) e do Glasgow University Media Group (1976, 1980, 1982, 1986), no Reino Unido, de Todd Gitlin (1980), nos Estados Unidos, de Ericson, Baranek e Chan (1987, 1989, 1990), no Canadá, de Erik Neveu (1999), em França, e de muitos outros centrados na atenção à cobertura jornalística de movimentos e de questões sociais, dão conta do potencial desta perspectiva.

2. Estudos da Linguagem

A centralidade dos Estudos da Linguagem na pesquisa em jornalismo é sublinhada por Zelizer por permitir uma conexão entre micro e macro análises do trabalho das notícias e compensar a tradicional falta de interesse sociológico pelos textos noticiosos.

Os contributos da análise semiológica e da análise da narrativa, introduzidos nos anos 50 e 60 por Roland Barthes e pelo estruturalismo francês, obrigaram a reenquadrar a descrição “sistemática, objectiva e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”, como pugnava a clássica definição de Berelson (1955) sobre análise de conteúdo. A forma da mensagem era considerada tão relevante como o seu conteúdo, forma e conteúdo encarados como indissociáveis, a distinção entre denotação e conotação e entre códigos naturais e culturais tornaram-se guias para a atenção ao papel da linguagem jornalística na produção de significados culturais.

Extravasando a dimensão verbal da linguagem, esta perspectiva abriu caminho a análises sobre as linguagens visuais do jornalismo, nomeadamente a análise da notícia televisiva ou da fotografia de imprensa. São referências os trabalhos de Fiske (1978), de John Hartley (1982), e de Kress e van Leeuwen (1997) na análise da imagem de imprensa e da paginação.

Centrados na linguagem verbal, os estudos formais sobre a notícia sustentam-se em perspectivas da sociolinguística, da linguística crítica, da análise crítica do discurso. Entre estes contributos, destaco a atenção a como os textos jornalísticos suportam a distribuição desigual do poder na sociedade, identificada por van Dijk (1988) em torno de variações de atributos com que se aprecia o binómio *nós/eles* (ver mais recentemente Sonwalker 2005), as articulações intertextuais da linguagem jornalística com outras

práticas discursivas e sociais (Fairclough, 1995), a perspectiva sistémica de Fowler (1991) e o seu programa de leitura crítica da imprensa³.

Por sua vez, os estudos pragmáticos da linguagem jornalística colocam a ênfase nas condições de realização dos discursos em diferentes meios, dos grandes jornais a formatos jornalísticos alternativos, e na estruturação dos relatos por formas narrativas, dispositivos retóricos de apresentação e enquadramentos perenes. A atenção a estes aspectos tem contribuído para uma pesquisa que vai além dos episódios e eventos singulares que constituem cada notícia e tem, por isso, ajudado a reconhecer a natureza sistematicamente construída do trabalho jornalístico.

A tensão entre informação e estória é antiga na discussão sobre o que é notícia, inscrita desde os debates sobre o jornalismo na viragem do século XIX para o século XX, como dá conta Schudson em *Discovering the News* (1978). A diferença é particularmente sublinhada, mais tarde, por George H. Mead (1927), da Escola de Chicago, que distingue a dimensão factual da informação (económica, eleitoral...) da dimensão intrinsecamente narrativa da notícia, quando sublinha que os jornalistas saem para a rua “à procura de histórias”.

A partir dos anos 80, há um novo interesse pelo jornalismo como narrativa, orientado para as formas mais tradicionais de relato, as *hard news*, onde o conteúdo noticioso era marcado pela actualidade, a importância, o interesse e a novidade. No contexto do jornalismo norte-americano, esperava-se das narrativas jornalísticas das *hard news* que fossem breves, focadas num tema, relatos concretos de eventos públicos, numa linguagem pobre em adjectivos ou descrições, assente na autoridade omnisciente da terceira pessoa. O fosso entre a pesquisa dos relatos das *hard news* e do restante jornalismo, apesar do reconhecimento de que as primeiras não esgotavam o relato jornalístico, decorreu em grande medida de serem consideradas como relatos verdadeiros, não estilizados, sobre o mundo real. Ora, o relato jornalístico é sempre uma escolha entre alternativas de expressão criativa. O que a análise narrativa vem mostrar é que as diferenças são mais de grau do que de tipo, sublinha Zelizer.

Outras perspectivas activadas pelos estudos pragmáticos da linguagem foram a atenção à retórica e enquadramentos. Nos Estados Unidos, a análise retórica tem-se desenvolvido mais nos departamentos de Ciência Política do que nas Humanidades. No contexto de actos de comunicação política, é dada particular atenção à construção do

³ Em *Leituras das Notícias*, apresento mais em detalhe as propostas destes autores.



papel de autoridade dos entrevistadores e dos jornalistas-âncora, face à autoridade dos políticos candidatos, e às figuras de discurso a que recorrem.

Por sua vez, a influência de Goffman marca os enquadramentos jornalísticos, “modos de compreender a organização sistemática e por vezes pré-determinada das notícias em tipos que facilitam a sua selecção, ênfase e apresentação” (Gitlin, 1980). Também esta perspectiva tem sido favorecida pelos estudos de comunicação política, nomeadamente como um desenvolvimento da perspectiva do agendamento. Operando a nível cultural e cognitivo, os enquadramentos assentam em inúmeros dispositivos de linguagem (metáforas, exemplos históricos, palavras-chave, descrições, imagens visuais) e a pesquisa verificou a capacidade dos media em alterar, por esses meios, as considerações que as pessoas usam na formulação das opiniões.

Na sua análise sobre enquadramentos noticiosos, Bennet (1988) assinala processos de fragmentação e de normalização de acontecimentos públicos, pelo recurso a técnicas narrativas como a sinédoque, a omissão e a personalização como forma de atribuição por parte do jornalista de uma autoridade individual e colectiva como grupo profissional.

A este respeito, Jenny Kitzinger (2004) analisa os enquadramentos da questão do abuso sexual de crianças levados a cabo nos media britânicos desde os anos 1980, investigação acompanhada pelo estudo da variação da sua apropriação por parte das audiências, através da pesquisa de recepção em grupos de foco. Deste cruzamento entre a análise dos enquadramentos mediáticos e as apropriações (hegemónicas, negociadas e de resistência) que encontrou na pesquisa de recepção, a investigadora britânica retira a necessidade de uma nova agenda de pesquisa sobre o poder dos media, que articule e reúna investigação sobre as condições de produção, os seus conteúdos e a recepção.

3. Ciência Política

Nos contributos da Ciência Política para o estudo do jornalismo, Zelizer sublinha as características essencialmente normativas dessa pesquisa e distingue três direcções principais, igualmente preocupadas sobre *o que é* o jornalismo e como *deveria ser*, com variações significativas na escala do olhar analítico.

A atenção às práticas jornalísticas em pequena escala marcou os estudos sobre as relações de jornalistas com as fontes de informação. Estudos como o de Sigal (1973) e de Tunstall (1971) mostraram o domínio das fontes oficiais, a distinção entre fontes com acesso continuado e as outras, as particularidades de certas coberturas, como o



crime. Um outro ponto desta atenção incidu nos modelos e papéis dos jornalistas, nomeadamente no estudo comparado de jornalistas de vários países ocidentais, que permitiu dar conta de variações entre posturas de neutralidade ou participação quanto à inserção política do jornalista (Weaver, 1998; Patterson, 1998).

A escala intermédia, marcada por uma perspectiva normativa, opera-se na passagem da atenção sobre o comportamento concreto dos jornalistas para o impacto e a influência desse comportamento. Zelizer dá conta da diversidade da variação normativa desses estudos. Estudos como os de Graber, McQuail e Norris (1998) sobre como as agendas das políticas públicas são influenciadas pelos media noticiosos têm subjacente a expectativa de que os jornalistas devem ser livres da pressão política e manter regras de comportamento éticas, perspectivas mais pessimistas sobre essas relações são as de Entman (1989), que ataca a dependência económica do jornalismo, e de Patterson (1993, 2003) ou Jamieson e Cappella (1997), que destacam como as campanhas eleitorais promovem a apatia e o cinismo e se afastam dos cidadãos.

Zelizer inclui ainda neste ponto uma referência à tendência normativa-crítica, marcada pelo conceito de esfera pública de Habermas e que tem relevância acrescida com a ascensão do jornalismo on-line e do espaço de discussão pública que possibilita, podendo extravasar-se da influência fechada dos laços entre elites jornalísticas e políticas. Os mais recentes estudos comparados de Hallin e Mancini analisam as tendências paradoxais da homogeneização: se a esfera pública se torna mais aberta devido à irradicação das limitações políticas, torna-se também menos aberta devido aos constrangimentos impostos por imperativos comerciais. É ainda nesta perspectiva normativa-crítica que Zelizer situa e comenta a corrente do jornalismo público, variante do modelo do *trustee journalism*.

Por sua vez, a atenção às práticas jornalísticas de grande escala tem incidido nas relações entre jornalismo e diferentes sistemas políticos. A obra clássica de Siebert, Peterson e Schramm, *Four Theories for the Press* (1956), articulou os media com a linha política dominante identificando sistemas mediáticos autoritários, liberais, totalitários e pautados pela responsabilidade social). A dificuldade de aplicar este modelo a países em desenvolvimento levou à procura de outras premissas, como o relatório MacBride (1980), também ele difícil de aplicar por ignorar as condições, tecnológicas e profissionais, necessárias a um sistema desenvolvido de comunicação social.

O interesse pelas linguagens da política e do jornalismo, sobretudo pela retórica constitui outra linha desta perspectiva de grande escala entre a Ciência Política e o Jornalismo, como vimos. Uma das obras emblemáticas mais recentes, *The Politics of Misinformation*, de Edelman, Bennett e Entman (2001), considera que o desenvolvimento do poder do jornalismo na sociedade ajudou a produzir uma linguagem baseada em imagens, simplista, vaga, emocional, ilusória, renegando assim a missão do jornalismo em apresentar informação clara ao público.

4. Análise Cultural

Zelizer aponta que a Análise Cultural, claramente interdisciplinar e auto-reflexiva, considera os significados, os símbolos e os sistemas simbólicos, os rituais e as convenções que permitem aos jornalistas manter a sua autoridade cultural apresentando-se como aqueles que podem tratar os acontecimentos de domínio público, e por isso é uma linha de pesquisa que chega a facetas e dimensões habitualmente ignoradas pelas lentes anteriores.

O inquérito ao jornalismo na perspectiva cultural dá assim especial atenção às bases culturais que unem jornalistas a não jornalistas, também envolvidos em actos culturais, de expressão e de representação, e a uma perspectiva lata de jornalismo e de notícia, que compreende diferentes aproximações com o mundo exterior. Não se restringe assim a um “núcleo duro”, que tende a excluir a imprensa que não seja “de referência” ou a privilegiar os textos em relação às imagens.

A agenda dos Estudos Culturais sobre o jornalismo apresentada por Barbie Zelizer incide em 6 pontos:

1. *Visões do mundo do jornalismo*, com especial atenção ao “quadro mental” colectivo dos jornalistas, como se pensam como jornalistas e como pensam o mundo à sua volta, como agem nos seus desempenhos profissionais. Entra também aqui a atenção aos índices exteriores de “identidade”, como género, etnia, idade, orientação sexual.

2. *Práticas do jornalismo*, com atenção às modalidades activadas em diferentes coberturas noticiosas (temáticas, em deslocação, trabalhando fora da redacção) e aos modos como são construídas as aproximações dos jornalistas a temas e histórias.

3. *Crises e consagrações do jornalismo*, com particular atenção às discussões travadas nos momentos rituais que se sucedem a quebras de códigos e violações da ética. Também podemos pensar como os rituais de consagração (como cerimónias de entrega de prémios) constituem outros espaços da legitimação da identidade.



4. *Formatos do jornalismo*, atenção às formas de apresentação das notícias ao longo do tempo, aos formatos das notícias na rádio e na televisão, a formas alternativas de jornalismo, de inversão, de programas de debate, fóruns, jornalismo especializado. A pesquisa aqui orienta-se para as questões de interesse público e de cidadania informada e participada que estes formatos activam ou não. Também a imprensa tablóide tem sido pesquisada sobre como é que formas de jornalismo popular preenchem funções deixadas em aberto pela informação jornalística *mainstream* (por exemplo, Sparks e Tulloch, 2000; Langer, 1998).

5. *Representações do jornalismo* em vários domínios da produção cultural, da literatura ao cinema.

6. *Audiências do jornalismo*, a partir do reconhecimento de que o jornalismo actua de modos diferentes de acordo com as identidades da sua audiência, numa linha que segue os Estudos Culturais britânicos. Pesquisas de audiências em torno da leitura de jornais e processos de socialização primária, com atenção à variável género, idade, etnia na recepção da informação.

Para Zelizer, nem todo o trabalho cultural tem o mesmo valor, contudo, salienta. A análise de casos individuais com um foco demasiado apertado torna difícil extrapolar conclusões para diferentes circunstâncias. Continuam a não ser claras as respostas sobre a legitimidade do jornalismo como campo para inquérito cultural nem como articular um estudo cultural do jornalismo com uma insistência pronunciada e explícita nos factos, na verdade e na realidade como parte da razão de ser do jornalismo.

5. A lente da História

A revisão que Zelizer faz sobre os contributos da História para o estudo do jornalismo incide na investigação anglo-americana, em particular aos trabalhos de Michael Schudson, sobre o jornalismo norte-americano, e de Curran e Seaton, sobre os media britânicos.

Sendo uma área de pesquisa com muito por explorar, é também um campo de tensão sobre o que constitui o “inquérito histórico” na maneira como é pensado por historiadores e jornalistas (pense-se na expressão corrente, e vivamente contestada pelos historiadores, do jornalista como “historiador do presente”). A posição do inquérito histórico no estudo do jornalismo é ainda muito marcada por perspectivas contraditórias sobre o que é o trabalho da história, a acrescentar a uma falta de clareza sobre a relação



entre o inquérito histórico, por um lado, e o estudo do jornalismo, da comunicação e da história dos media, por outro.

Também neste campo do inquérito histórico sobre o jornalismo, Zelizer identifica três momentos organizadores da pesquisa: um ponto de partida da história do jornalismo, marcado por uma atenção às memórias e biografias, bem como à história de organizações jornalísticas; um ponto intermédio, focado na identificação de períodos, temas e acontecimentos marcantes; um momento contemporâneo, também ele de carácter mais macro, de ampliação da história do jornalismo, ao considerá-la indissociável do desenvolvimento do Estado-nação, articulando assim a História com a Ciência Política.

De notar como esta ampliação se afigura particularmente incisiva no contexto das questões de identidade estimuladas pela construção do espaço supra-nacional da União Europeia, como sublinha Medrano (2003), na sua pesquisa histórica e cultural sobre como foi pensada a integração europeia em três países (Espanha, Reino Unido, Alemanha), e como os editoriais e os artigos de opinião da imprensa de referência desses países apresentaram as posições das suas elites. Nesse espaço europeu, a atenção a como os media de cada país da União Europeia lidam com essas identidades cruzadas (nacional e europeia) constitui um relevante tema de pesquisa comparada entre países, dando conta do consenso dominante, expresso em momentos simbólicos e cerimoniais (alargamento, introdução da moeda única) a contrastar com a expressão da dissonância entre o *nós* nacional e europeu.

6. Cruzando as lentes na procura de um olhar holístico

Cada uma das lentes seleccionada por Zelizer na obra que temos vindo a comentar oferece uma dada visão do estudo do jornalismo, permitindo diferentes respostas para as perguntas da agenda de pesquisa em jornalismo:

- *Importância do jornalismo*: a Sociologia foca-se no *como* da sua importância, ao examinar as pessoas, as práticas e os comportamentos, as estruturas e as instituições envolvidas na feitura das notícias; a História orienta-se sobre *como* o jornalismo *era importante no passado*, ao estabelecer a sua longevidade e autoridade ao longo do tempo; os Estudos da Linguagem concentram-se *nos instrumentos* visuais e verbais *pelos quais o jornalismo tem importância*; a Ciência Política foca-se no *como o jornalismo deveria importar*; a Análise Cultural descreve *como o jornalismo tem*

diferentes importâncias, quanto aos dados envolvidos na sua produção, apresentação e recepção, dissipando o consenso num tipo de inquérito mais tradicional.

- *Quem é o alvo do estudo*: todas estas lentes se focam em pessoas do jornalismo, mas nem sempre nas mesmas pessoas nem no mesmo grau, sendo esse aspecto menos observado nos Estudos da Linguagem, onde as pessoas raramente são observadas, e na Ciência Política, que as agrupa em diferentes pessoas *tipo*, por posições ou relações com o processo político. As pessoas estão claramente no centro da análise sociológica e cultural, em agrupamento de pessoas e pela análise de pessoas em diferentes posições. Enquanto estudos etnográficos tendem a analisar pessoas de posições mais baixas (jornalistas, repórteres), investigadores mais virados para análise ideológica conduzem estudos focados em pessoas com poder na redacção (directores, editores). Os sociólogos dedicam mais atenção a práticas dominantes do que a desviantes, enquanto a análise cultural se orienta para grupos de pessoas que não são examinados em mais lado nenhum. Na História, por sua vez, encontramos pessoas dos dois tipos: elites e indivíduos em posições intermédias.

O que tem sido estudado: os Estudos Culturais, com um foco maior na apresentação e recepção, percorrem o processo noticioso e prestam atenção à produção das notícias em lugares alternativos aos dos grandes meios de referência; a História e a Sociologia têm o seu foco na produção e na recepção, privilegiando a primeira; pelo contrário, os Estudos da Linguagem sublinham a produção e a apresentação, favorecendo esta última e os dispositivos de estruturação das mensagens, terreno não explorado pelos restantes; a Ciência política tem o seu foco na recepção, ao olhar o jornalismo em conjunção com os seus efeitos no público.

Onde se situa o foco analítico: todas as lentes percorrem as diferentes dimensões (pessoas, organizações ou instituições) mas em graus diferentes. A pesquisa focada nas grandes questões do poder (político, cultural, económico ou social) trabalhada pelas lentes da Sociologia, dos Estudos da Linguagem, da Ciência Política e da Análise Cultural, tem particular interesse pelos *lugares institucionais* do jornalismo, tende a ignorar a dimensão individual do jornalismo e combina um interesse pelos espaços institucionais com uma falta de pessoas reais nos inquéritos. Já a pesquisa dos primeiros tempos da História privilegiou a atenção aos indivíduos singulares, com monografias de organizações e instituições.

Quando é o alvo do estudo: é na História que a presença da temporalidade é mais acentuada, havendo também interesse por parte da Análise Cultural, ainda que em



menor grau. Na Sociologia, nos Estudos da Linguagem e na Ciência Política há um menor investimento nas questões da temporalidade.

Finalmente, Zelizer responde ao *porquê* do interesse do estudo do jornalismo nesta perspectiva cruzada. Porque o jornalismo não é um conceito unívoco, porque há vários jornalismos e é necessária uma sensibilidade mais interdisciplinar para que os investigadores continuem a traçar e a retraçar as suas fronteiras. Como escreve: “Quanto mais enriquecermos as nossas perspectivas sobre a análise das notícias envolvendo perspectivas alternativas como parte mais integral do nosso pensamento, mais poderemos apreciar o que cada tipo de inquérito tem para nos oferecer e compensar a velha ideia de que um tipo de inquérito nos pode dar resposta cabal ao que procuramos.”

Será este o grande desafio, o de caminhar para um “ecletismo crítico”, como o define Halloran (1998), que se coloca hoje à pesquisa em jornalismo, uma instituição social demasiado importante para que permaneça como aparentemente opaca, reificada, fechada em fronteiras e à margem da atenção e do escrutínio públicos, em tempos de globalização.

Referências bibliográficas

- Bennett, W. L. (1988). *The Politics of Illusion*. NY and London: Longman.
- Breed, W. (1955). Controlo Social na Redacção. Uma Análise Funcional. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"* (pp. 152-166). Lisboa: Vega, 1993.
- Jamieson, K. e Cappella, J. (1997). *Spiral of Cynicism*. NY: Oxford University Press.
- Cohen, S., & Young, J. (Eds.). (1973). *The Manufacture of News. Social Problems, Deviance and the Mass Media* (3ª ed.). London: Constable, 1976.
- Christians, C., & Traber, M. (Eds.). (1997). *Communication Ethics and Universal Values*. Thousand Oaks: Sage.
- Cottle, S. (2000). New(s) Times: Towards a "Second Wave" of News Ethnography. *Communications*, 25(1), 19-41.
- Curran, J., & Seaton, J. (1997). *Imprensa, Rádio e Televisão. Poder sem Responsabilidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- Dahlgren, P. (1992). Introduction. In P. Dahlgren & C. Sparks (Eds.), *Journalism and Popular Culture* (2ª ed., pp. 1-23). London: Sage, 1993.
- Dayan, D., & Katz, E. (1992). *A História em Directo. Os Acontecimentos Mediáticos na Televisão*. Coimbra: Minerva, 1999.
- Entman, R. (1989). *Democracy without Citizens*. NY: Oxford University Press.



Ericson, R. V., Baranek, P. M., & Chan, J. B. L. (1987). *Visualizing Deviance. A Study of News Organization*. Milton Keynes: University of Toronto Press.

----- (1989). *Negotiating Control: a Study of News Sources*. Milton Keynes: Open University Press.

----- (1991). *Representing Order: Crime, Law and Justice in the News Media*. Toronto: University of Toronto Press. Milton Keynes: Open University Press.

Fairclough, N. (1995). *Media Discourse*. London: Edward Arnold.

Fiske, J., & Hartley, J. (1978). *Reading Television*. London: Methuen.

Fowler, R. (1991). *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press* (3^a ed.). London: Routledge, 1994.

Gans, H. (1979). *Deciding What's News*. New York: Pantheon Books.

Gerbner, G., & Gross, L. (1976). Living with Television: the Violence Profile. *Journal of Communication*, 27(1), 173-199

Gitlin, T. (1980). *The Whole World is Watching*. Berkeley: University of California Press.

Glasgow University Media Group. (1976). *Bad News*. London: Routledge.

----- (1980). *More Bad News*. London: Routledge.

----- (1982). *Really Bad News*. London: Routledge

----- (1982). *War and Peace News*. Milton Keynes: Open University Press

Graber, D., McQuail, D., & Norris, P. (Eds.). (1998). *The Politics of News: the News of Politics*. Washington: CQ Press

Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J., & Roberts, B. (1978). *Policing the Crisis*. London: MacMillan Press

Hallin, D. C. (1986). Cartography, Community and the Cold War. In R. Manoff & M. Schudson (Eds.), *Reading the News* (pp. 109-145). NY, 1986: Pantheon

Halloran, J. (1998). Mass Communication Research Methods: Asking the Right Questions. In A. Hansen, S. Cottle, R. Negrine & C. Newbold (Eds.), *Mass Communication Research Methods* (pp. 9-34). London: Palgrave

Hartley, J. (1982). *Understanding News*. London: Routledge

Kitzinger, J. (2004). *Framing Abuse. Media Influence and Public Understanding of Sexual Violence against Children*. London: Pluto Press

Kress, G., & Leeuwen, T. v. (1998). Front Pages: (the Critical) Analysis of Newspaper Layout. In A. Bell & P. Garret (Eds.), *Approaches to Media Discourse* (pp. 186-218). Oxford: Blackwell Publishers

Langer, J. (1998). *Tabloid Television, Popular Journalism and the "Other News"*. London: Routledge



- McCombs, M., & Shaw, D. (2000). A função do agendamento dos media. In N. Traquina (Ed.), *O Poder do Jornalismo. Análise e Textos da Teoria do Agendamento* (pp. 47-62). Coimbra: Editorial Minerva.
- Mead, G. H. (1927). The Nature of Aesthetic Experience. In *Selected Writings* (pp. 294-305). Chicago: University of Chicago Press, 1981
- Medrano, J. D. (2003). *Framing Europe*: Princeton University Press
- Neveu, E. (1999). Medias et Mouvements Sociaux. *Reseaux*, 17(98), 17-86
- Noelle-Neumann, E. (1995). *La Espiral del Silencio*. Barcelona: Paidós
- Patterson, T. (2003). Tendências do Jornalismo Contemporâneo. Estarão as notícias leves e o jornalismo crítico a enfraquecer a democracia? *Media & Jornalismo*, 2, 19-48
- Ponte, C. (2004). *Leituras das Notícias*. Lisboa: Livros Horizonte
- Schlesinger, P. (1978). *Putting "Reality" Together*. London: Methuen
- Schudson, M. (1996). *The Power of News*. Cambridge: Harvard University Press
- Schudson, M. (2003). *The Sociology of News*. New York: Jeffrey C. Alexander
- Sigal, L. (1973). *Reporters and Officials*. Lexington: D.C. Heath
- Sonwalkar, P. (2005). Banal journalism: the centrality of the "us-them" binary in news discourse. In S. Allan (Ed.), *Journalism: Critical Issues* (pp. 261-273). Maidenhead and New York: Open University Press
- Sparks, C., & Tulloch, J. (Eds.). (2000). *Tabloid Tales: Global Debates over Media Standards*. New York: Rowman & Littlefield Publishers
- Tuchman, G. (1978). *Making News*. New York: The Free Press
- Tunstall, J. (1971). *Journalists at Work*. London: Constable
- Weaver, D. (Ed.). (1998). *The Global Journalist: News People around the World*. Cresskill: Hampton
- White, D. M. (1950). O Gatekeeper: uma Análise de caso na Selecção de notícias. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: Questões, teorias e "estórias"* (pp. 142-151). Lisboa: Vega, 1993
- Zelizer, B. (1993). Os Jornalistas enquanto Comunidade Interpretativa. *Revista de Comunicação & Linguagens*, 27, 33-61
- Zelizer, B. (2004). *Taking Journalism Seriously*. Thousand Oaks: Sage